



O (NÃO) LUGAR DO SMARTPHONE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISE DE UMA ESCOLA EM FEIRA DE SANTANA/ BAHIA

THE (NON) PLACE OF THE SMARTPHONE IN SCHOOL PHYSICAL
EDUCATION: ANALYSIS OF A SCHOOL IN FEIRA DE SANTANA/ BAHIA

EL (NO) LUGAR DEL SMARTPHONE EN LA EDUCACIÓN FÍSICA
ESCOLAR: ANÁLISIS DE UNA ESCUELA EN FEIRA DE SANTANA/ BAHIA

Fábio Souza de Oliveira

Secretaria de Educação do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil
Email: fabiopatchanka@hotmail.com

Cláudio Márcio Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Email: clamoliv1974@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar as possibilidades de utilização do smartphone enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem na Educação Física, na Educação Básica. Participaram da pesquisa cento e vinte e oito alunos do ensino fundamental II, de uma escola pública estadual da cidade de Feira de Santana. A pesquisa durou um trimestre letivo, período em que foram realizadas as intervenções deste ciclo. Pudemos compreender como viável o trato com o conteúdo voleibol a partir de uma abordagem mídia-educativa a partir do celular smartphone.

Palavras-chave: Mídia-educação; Educação Física; Smartphone.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the possibilities of using the smartphone as a teaching and learning tool in Physical Education, in Basic Education. One hundred twenty-eight elementary school students from a state public school in the city of Feira de Santana participated in the research. The survey lasted one academic quarter, during which interventions in this cycle were carried out. We were able to understand how feasible the treatment with volleyball content from a media-educational approach from the smartphone.

Keywords: Media-education; Physical Education; Smartphone.

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo analizar las posibilidades de usar el smartphone como herramienta de enseñanza y aprendizaje en Educación Física, en Educación Básica. Ciento veintiocho estudiantes de primaria de una escuela pública estatal en la ciudad de Feira de Santana participaron en la investigación. La encuesta duró un trimestre académico, durante el cual se llevaron a cabo intervenciones en este ciclo. Pudimos entender cuán factible es el tratamiento con contenido de voleibol desde un enfoque educativo mediático desde el smartphone.

Palabras clave: Média-Educación; Educación Física; Smartphone.

INTRODUÇÃO



Consideramos que a inserção das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no contexto escolar é um dos movimentos que tem merecido maior atenção na sociedade contemporânea, seja pela dinâmica da produção e acesso ao conhecimento, seja enquanto instrumento que potencializa o ensino e a aprendizagem por sua característica multimidiática, ou ainda por permitir o registro e compartilhamento das ações docentes/discentes. Uma das grandes questões da atualidade é como estes dispositivos têm contribuído para o acesso a diferentes conteúdos midiáticos, inclusive violentos ou de apelo sexual, decorrendo deste acesso, outras tantas questões, a exemplo da naturalização destes problemas.

Dentre as TDIC, o celular *smartphone*, de modo particular, atualmente tem ganhado amplo espaço nas escolas. Para além de uma tecnologia de informação e comunicação, este é um dispositivo multifuncional de posse da quase totalidade dos alunos. No entanto, esta tecnologia não tem sido utilizada do ponto de vista educacional e tem se tornado um entrave sob diversos aspectos no ambiente escolar, concorrendo com as propostas formativas em sala de aula ao dispersar a atenção dos alunos com seus conteúdos.

De modo específico, na Educação Física escolar, o celular conectado à internet tornou-se um poderoso canal midiático, através do qual os estudantes acessam os elementos da cultura corporal. Para Souza e Mendes (2014), os esportes, as danças, as lutas, as ginásticas, são apropriados pelas mídias e expostos de forma espetacularizada, influência que acaba por empobrecer a concepção dos estudantes em relação a esta área.

Partindo da compreensão de que a Educação Física escolar, deve mais do que propor práticas relacionadas aos seus diversos elementos constitutivos e, compreendendo as tecnologias como algo mais do que suporte para aulas expositivas, proporcionando a crítica e a busca pelo desvelar dos panos de fundo com os quais os seus elementos são apresentados pelas mídias e, em grande medida acessados através dos *smartphones*, apresentamos o seguinte problema investigado nesta pesquisa: como o celular, do

ponto de vista do ensino e aprendizagem pode ser utilizado no contexto das aulas de Educação Física escolar? Objetivou-se por meio deste estudo analisar as possibilidades de utilização do telefone celular *smartphone* enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem na Educação Física, na Educação Básica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo possui natureza essencialmente qualitativa por se ocupar dentro das Ciências Sociais, “[...] com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2016, p. 20). O campo empírico desta pesquisa foi uma escola da rede estadual de ensino na cidade de Feira de Santana, cidade do interior do Estado da Bahia. O colégio tinha em 2019, aproximadamente 550 alunos matriculados do Ensino Fundamental II até o Ensino Médio A escolha desta unidade escolar se deu por ser local de atuação docente do pesquisador, de onde emanaram as questões envolvendo o uso do aparelho celular. O acesso e a liberdade para a realização da pesquisa foram fatores decisivos para a tomada desta decisão.

Fizeram parte do universo desta pesquisa os estudantes regularmente matriculados nos anos oitavo A e B e nonos ano A e B deste colégio, totalizando 4 turmas e 128 alunos, com idade entre treze e dezessete anos, por ser a faixa da juventude mais atingida pelos conteúdos midiáticos através do *smartphone* (MÜLLER, 2019).

As técnicas de interlocução com o campo foram o questionário, a entrevista, a observação participante e o diário de campo. Para Minayo (2014, p. 189), é através dos instrumentos de pesquisa que poderemos “[...] fazer a mediação entre os marcos teórico-metodológicos e a realidade empírica”.

A observação participante é inevitavelmente a primeira das técnicas que, estando em campo, nos revela as suas verdades. O diário de campo, conseqüentemente constitui o próximo instrumento que nos permitiu juntar o que estava se fazendo intelectualmente e o que se estava experimentando como pessoa (MILLS, 1972).



Por estas duas técnicas foram observadas e registradas conversas, trejeitos, e outras ações que pudessem levar a um raciocínio sistemático além de emprestar relevância intelectual, conforme ressalta este mesmo autor. As anotações foram feitas em sua maioria no bloco de notas do celular e, parte delas, num caderno que também foi destinado a estas anotações.

O questionário foi utilizado com o intuito de mapear o uso do *smartphone* entre os pesquisados. Foram aplicados 128 questionários com questões abertas e fechadas durante o terceiro trimestre letivo de 2019.

A entrevista, do tipo aberta, foi utilizada no sentido de verticalizar o mapeamento iniciado com o questionário, permitindo a obtenção de informações mais aprofundadas, facilitando a compreensão dos fenômenos (MINAYO, 2014). Foram entrevistados oito estudantes, quatro que possuíam celular e quatro que não os possuíam, na tentativa de obter singularidades próprias da posse ou não deste instrumento.

A pesquisa durou um trimestre letivo, período em que foram realizadas as intervenções deste ciclo. Em vista disso, foi elaborada uma proposta de intervenção para que, ao abordarmos o conteúdo voleibol com aquelas turmas, o celular *smartphone* fosse paulatinamente inserido como ferramenta de ensino e aprendizagem, produção de conhecimento e fonte de matéria prima para releitura e ressignificação do que está posto nas mídias. A escolha do elemento esporte foi motivada por ser o conteúdo esportivo aquele que está mais presente nas mídias, portanto, alvo constante de ideologias e representações (PIRES, 2002). O voleibol, de modo particular, era a modalidade que constava do planejamento destas turmas naquele trimestre letivo.

Para as análises de dados deste estudo, nos inspiramos na “Triangulação de Perspectivas”, proposta por Minayo (2014), articulando os dados das diferentes técnicas de interlocução com o campo, favorecendo a qualidade e a profundidade das análises, multiplicando as tentativas de aproximação.

Os participantes do estudo assinaram os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido, bem como, a referida pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição

envolvida sob a identificação CAAE: 22800619.0.0000.5149, sob o parecer número 3.827.841.

ALGUNS PRESSUPOSTOS PARA PENSAR O USO DO SMARTPHONE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A presença das tecnologias digitais móveis na sociedade de hoje e, portanto, nos espaços escolares é motivo de debate e contradição. O olhar sobre elas deve estar pautado na investigação científica que se debruça atenta e rigorosamente sobre mais este fenômeno, estabelecendo de forma refletida seu lugar na educação formal, e de modo particular, na Educação Física.

Não há lugar para a adesão indiscriminada das tecnologias, simplesmente por estarem disponíveis e permearem as vidas dos estudantes de todo o país. Não será possível adotá-las pelos argumentos superficiais das telas coloridas e dos conteúdos audiovisuais, que poderão prender a atenção de educandos nas salas de aulas, ou ainda, por serem supostamente os livros, uma tecnologia em franca decadência. A este respeito Martín-Barbero (2014) identifica que, de alguma forma, a escola tem procurado introduzir e fazer uso dos meios digitais, mas se trata unicamente de um uso modernizador e instrumental, mudando a fachada da escola, sem de fato alterá-la (a escola). Para ele o que há, neste caso, é uma instrumentalização das tecnologias que de fato menos alteram as relações da escola com a sociedade do que encobrem a profundidade da crise escolar.

Na contramão de uma postura reificada a respeito das tecnologias digitais, também não deverá haver espaço para a sua demonização. A manutenção dos argumentos contrários ao uso das tecnologias nas escolas não pode sustentar-se em afirmações sobre alunos que não prestam mais atenção às aulas ou, que depois do advento dos celulares e *tablets* não há mais espaço para as leituras, ou ainda, que o problema da educação é o celular *smartphone*. Martín-Barbero (2014) acredita que parte significativa do mundo adulto, de modo particular o acadêmico, atribui aos



meios audiovisuais a causa da crise da leitura e do empobrecimento cultural, acreditando poder encontrar nos livros a salvação para o que ele chama de “nova barbárie midiática”. Infelizmente esta polarização é tão comum que já recebeu denominação pelos teóricos que a estudam. São “apocalípticos” (RÜDIGER, 2011) os pessimistas, denunciadores da banalização das produções humanas pela chamada “indústria cultural” (ZUIN; PUCCI; LASTÓRIA, 2015, p. 47) e, são chamados de “integrados” os tidos como otimistas ingênuos que veem nos meios técnicos apenas um canal para democratização do acesso às produções culturais (PIRES, 2002).

O ponto de partida para qualquer iniciativa sobre a adoção das tecnologias digitais no âmbito escolar e na Educação Física, deve situar-se menos no seu potencial enquanto suporte do que na reflexão sobre o seu (não) lugar.

Na busca por pressupostos que possam subsidiar esta reflexão, uma das profundas mudanças já percebidas está na disponibilidade da informação. A internet e demais tecnologias digitais, notadamente os *smartphones*, mantêm a sociedade em contato constante com informações de todas as naturezas e provenientes dos mais diversos lugares, sendo assim, é descabido que a escola ou o professor pretendam continuar sendo a sua fonte (SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ, 1998; FANTIN; RIVOLTELLA, 2012; MARTÍN-BARBERO, 2014). No que se refere aos elementos da cultura corporal, por exemplo, antes mesmo de acessá-los na escola, mediados por um professor da área de Educação Física, os alunos mantêm contato com eles através das mídias, mais incisivamente pela televisão e pelo celular conectado à internet. A partir destes e de outros meios, os estudantes configuram todo um conhecimento a respeito de cada conteúdo com base no discurso midiático que, por sua vez, está impregnado de interesses e ideologias, sobretudo de ordem político-econômica, que não envolve a totalidade de informações sobre determinado assunto nem pode ser considerado totalmente isento e imparcial (KENSKI, 2012).

Acerca disto, Pires (2002) identifica na sociedade moderna, grande número de instâncias formadoras de consciência ideologicamente falsa, que introjetam nos indivíduos a

necessidade de satisfazer interesses imediatos, aparentemente reais, destacando particularmente a indústria cultural, daqueles que detêm os meios de produção. A chamada indústria cultural, com a contribuição indispensável das mídias, prescreve atitudes e condutas que nem sempre são percebidas, ou, como menciona Pires (2002, p. 130) “[...] sua produção não se dá no nível crítico das consciências [...]”. A superação deste estado de dependência, para o autor, só pode ser revertida pela autorreflexão, por um interesse emancipatório do conhecimento. O autor ainda afirma que a construção das ferramentas cognitivas e críticas que possibilitam tal tomada de consciência precisa ser promovida por agentes ou instituições interessadas na libertação dos indivíduos, na emancipação humana. Aqui lemos: A escola! No que se refere à Educação Física, o autor destaca a artificial produção de necessidades, desejos e interesses direcionados às atividades físicas e aos esportes, além de uma gama de produtos e outros serviços na esteira da sua espetacularização, próprios da indústria cultural. Portanto, não faz tanto sentido para a Educação Física a apresentação deste conhecimento aos alunos no espaço escolar formal quanto reapresentá-lo pedagogicamente, de forma crítica, desvelando os interesses que subjazem os discursos midiáticos. Estas representações culturais, construídas irrefletidamente, devem ser objeto da ação didática docente, permitindo ao aluno a realização da crítica e da comparação, identificando interesses econômicos, sociais, políticos ou religiosos que as controlam (SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ, 1998).

A Educação Física escolar, assim, assume também o papel de educar para as mídias, formando pessoas capazes não somente de utilizar as diversas mídias de modo operacional, mas que sejam ainda capazes de criticar o discurso midiático a respeito deste componente curricular. Para Souza e Mendes (2014), os elementos da cultura corporal estão entre aqueles rotineiramente apropriados e espetacularizados pelas mídias, transformando-os em produtos para a indústria midiática. Segundo estes autores, a linguagem e os meios utilizados pelas mídias, ao concorrer com as formas de comunicação da



escola, influenciam mais incisivamente a atenção dos alunos, contribuindo também com maior força para as representações destes estudantes sobre cada um dos elementos da Educação Física escolar. Concordamos com Souza e Mendes (2014) quando afirmam que a forma com a qual as mídias traduzem os elementos da cultura corporal não somente os empobrecem como os distorcem, de tal modo que, cabe ao professor de Educação Física, zelar pela desmistificação dos conhecimentos propostos pelas mídias.

Certamente encontraremos no esporte o conteúdo da Educação Física escolar de maior apropriação por parte das mídias, por oferecer o show já pronto e por sua linguagem universal (PIRES, 2002) além de envolver o público com o discurso da fácil mobilidade social (PIRES, 1998), principalmente através do esporte de alto rendimento, onde também encontramos nas falas e nos silêncios reforços cotidianos à violência, segregação por gênero, raça e classe social. Além disso, tais discursos não contemplam o esporte em suas demais manifestações, mais acessíveis e democráticas como o esporte escolar e o esporte de tempo livre, ou quando o fazem, direcionam os resultados desta participação ao esporte de alto rendimento como instância única, necessária e final do fenômeno esportivo. Além disso, de acordo com Pires (1998), as relações entre esporte e trabalho na sociedade contemporânea são mais próximas do que o que se supõe. O esporte de alto nível é apropriado pelas parcelas dominantes da sociedade e destinado a manter o *status quo* destas mesmas classes. Este (o esporte) é utilizado como estratégia para a busca de eficácia e produtividade no trabalho, seja pela divisão e hierarquização das tarefas esportivas (à semelhança do que acontece com as atividades laborais), ou pela mecanização e automatização de gestos motores.

As diversas mídias (em alguns casos a própria Educação Física escolar) reforçam este mecanismo, instrumentalizando o fenômeno esportivo e reduzindo-o a uma mercadoria, possível de ser usufruída por todos, na condição de espetáculo sem, contudo, permitir o conhecimento de um esporte experimentável do ponto de vista motor, para a maior parte da população. Para a Educação Física escolar, há

um agravo: como o professor poderá desconstruir uma representação tão sólida, edificada cotidianamente por “especialistas”, pelos “melhores do mundo”, estando ele no lugar do professor?

O mesmo raciocínio aplica-se aos demais conteúdos da cultura corporal. As danças, as lutas, os jogos, a capoeira, quando apropriados e transmitidos pelas mídias, assumem papéis que distam daqueles propostos pela Educação Física escolar, de modo que, quando os estudantes finalmente estão diante do professor desta área, ele (o professor), deve diagnosticar os significados e apropriações já construídos pelos alunos para, a partir daí, reconfigurar estes saberes com vistas à proposta formativa da Educação Física. É nesta perspectiva que concordamos com Sacristán e Pérez Gómez (1998), quando os autores afirmam que a escola é espaço de conhecimento compartilhado que nunca deve renunciar ao processo de construção dialética, impondo suas próprias verdades e representações. Antes, deve valer-se dos esquemas prévios dos alunos, auxiliando-os na reconstrução do conhecimento no sentido de suporte também às suas exigências experienciais.

A abordagem mídia-educativa apresenta-se como estratégia privilegiada para o trato com o conteúdo midiático na Educação Física escolar. Para Fantin (2012) a Mídia-Educação é “entendida como a possibilidade de educar para/sobre as mídias, com as mídias e através das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-produtiva”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As intervenções deste estudo tematizaram o voleibol e relacionaram este elemento da cultura corporal com as mídias. Como avaliação, os alunos deveriam participar das práticas propostas e ao longo da unidade, apresentar produções a respeito das aprendizagens relacionadas ao voleibol nos seguintes formatos: *e-book*, vídeo, roteiros de produção, textos escritos, ensaio fotográfico ou blogue. Os roteiros destas produções e textos confeccionados ao longo da unidade também foram objetos de avaliação.



A unidade didática foi construída pelo professor e apresentada às turmas para reelaborações e formatação final.

Os conteúdos, as estratégias e os produtos estão resumidos no quadro a seguir:

Quadro 1 – Síntese de conteúdos, estratégias e produtos da unidade didática

Conteúdos Previstos	Estratégias	Produtos
Toque Saque Manchete Bloqueio Rodízio Voleibol de tempo livre Voleibol escolar Voleibol de alto rendimento	Jogos e práticas em grupo Adaptação de regras, materiais e espaços Pesquisa Oficina de fotografia Produção midiática Discussão em sala de aula Produção textual Análise de conteúdo midiático Práticas do voleibol	Blogue E-book Fotos Vídeos Roteiros de produção Textos escritos

Fonte: construção dos autores

Para a construção dos produtos midiáticos tratando do voleibol, os estudantes foram orientados a construir um plano de trabalho que esboçasse o que, quando e como seriam desenvolvidos estes produtos. Além disso, apesar da proposta priorizar a ação grupal, deveria estar clara neste documento, qual a contribuição de cada aluno individualmente. A divisão em equipes buscou organizar as ações em menores grupos, como também, viabilizar as vivências do voleibol durante as aulas. Contudo, o principal motivo foi dar condições de participação a todos os estudantes do grupo, através da distribuição de funções, minimizando os possíveis impactos da ausência dos celulares para alguns alunos.

Um dos nossos primeiros registros foi a quantidade de atividades propostas e não cumpridas pelos alunos. Consideramos, com algum grau de ingenuidade, que fazendo o uso do celular, as atividades seriam cumpridas a rigor, dada a atração que os *smartphones* têm exercido sobre eles. Para nossa surpresa, o número de atividades não cumpridas assemelhou-se às outras propostas feitas nos cadernos ou em cartolinas, seminários e outras estratégias de ensino, aprendizagem e avaliação.

À medida que avançamos nas aulas, questionamentos dos pais eram trazidos pelos alunos para a escola. Nas falas dos alunos durante as aulas, seus pais “mandavam dizer” que eles, os alunos, não podiam trazer o celular para a escola, ou que não tinham internet em

casa. Em determinado momento, duas mães vieram pessoalmente à escola reclamar da utilização dos blogues pelos seus filhos. A fala de uma delas, que registramos em nosso diário, foi a seguinte:

A minha amiga falou que o blogue tem conteúdos ruins. (mãe de estudante participante da pesquisa).

Tentamos explicar a proposta que estava sendo desenvolvida ali e do que de fato se tratava um blogue. Esta situação, indica a necessidade e a urgência da implementação de propostas mídia-educativas que sejam originadas, conduzidas e avaliadas pela escola sem, contudo, prescindir da participação de pais e familiares. Para Fantin e Rivoltella (2012, p. 20), a Mídia-Educação é “... um problema que causa impacto no trabalho dos professores em sala de aula, na família, na realidade do dia a dia”. Assim, não podemos renunciar a colaboração dos diversos atores relacionados à esta questão.

As vivências do voleibol propriamente dito, por sua vez, partiram dos fundamentos mais básicos para a construção formal do esporte, já que a maior parte dos alunos não sabia jogar esta modalidade. As aprendizagens práticas foram conduzidas principalmente por meio de jogos com regras e espaços adaptados, evitando filas para repetição dos gestos do jogo, como na abordagem analítica. Através dos jogos, quantidades maiores de alunos participavam por mais tempo, ampliando experimentações



corporais relacionadas à modalidade, além da motivação de já estarem jogando voleibol desde o princípio.

Os alunos que já possuíam algum domínio do esporte questionavam o fato de a bola poder tocar no chão, de poder se dar mais de três toques na bola, de pegá-la do “jeito errado”, etc. Aqui apareciam as primeiras representações de um voleibol midiático, fechado, que não abria possibilidade para outras formas de se jogar esta modalidade, a exemplo do voleibol escolar ou do voleibol de tempo livre. Importante dizer que o voleibol midiático, via de regra, não tematiza as diferentes possibilidades de experimentação esportiva, portanto, o que se constrói nos imaginários neste caso, é tão somente o voleibol competitivo, oficial, veiculado nas mídias, disputados nos campeonatos no Brasil e no mundo.

Pires (2002) é um dos autores que trata das representações esportivas construídas através das mídias e que, através delas, os sujeitos passam a conceber um tal modelo de esporte, que fundamenta sua concepção destas modalidades. Uma vez que a produção destas veiculações possui objetivos claramente definidos, de vender um espetáculo lucrativo, agregando valor ao máximo de elementos possível, podemos questionar que ideologias, valores e crenças, são construídas como pano de fundo e que, sem o devido olhar crítico, acabam sendo estas as representações que explicam o modelo de esporte em que estes jovens conhece e acredita.

À medida que se aproximava o período de apresentar a primeira versão dos produtos midiáticos (blogue, *e-book*, ensaio fotográfico ou vídeo), os alunos foram solicitados a entregar o roteiro dos seus produtos. Mais uma vez, parte dos alunos não construiu o roteiro. Além disso, outra surpresa foi que, apesar da presença tão maciça dos celulares na escola, muitos também não tinham sequer, fotos e fragmentos de vídeos das vivências realizadas até aquele momento. Outra questão que nos impomos: O que de fato separa este dispositivo dos objetivos de aprendizagem?

Continuando com a experimentação do voleibol, como ilustração de algumas das propostas de ensino, citamos a vivência do

saque. Nos moldes do voleibol oficial, os jogadores são distribuídos na quadra de jogo em posições numeradas de um a seis, garantindo uma determinada lógica de ocupação do espaço de jogo e o saque é realizado sempre pelo jogador da posição número um, que enquanto detentor do saque, deve continuar sacando indefinidamente. Em nossa proposta, os alunos deveriam realizar o rodízio a cada novo saque. Esta reconfiguração de jogo permitiu que eles aprendessem no contexto do jogo, não somente o rodízio, como ampliavam a quantidade de vezes que experimentavam o saque com oportunidades semelhantes de prática para todos. Outra diferença significativa é que, ao realizar o rodízio e chegar à posição número um, o jogador que fosse sacar, poderia se posicionar em qualquer lugar da quadra, aproximando-se gradativamente da linha de fundo, como no jogo oficial, mas somente quando assim decidisse.

Em seguida, uma das etapas previstas no plano de intervenção seria a produção de um pequeno vídeo, com no mínimo um e no máximo cinco minutos de duração, em que cada equipe deveria tratar da condição da quadra da escola. Para Fantin e Rivoltella (2012) a abordagem mídia-educativa é definida como uma educação que é feita “com, para e através” das mídias. Deste modo, a produção midiática demandada nesta ação formativa, esteve consoante com as três dimensões desta abordagem. A educação para a mídia, segundo estes autores, diz respeito à apropriação crítica dos conteúdos midiáticos enquanto educar com estas seria o seu uso como instrumento didático. Portanto, estivemos atentos à esta premissa como eixo da proposta formativa contemplando as TDIC nestas três dimensões.

Duas equipes deveriam produzir um vídeo-reportagem, tratando do “excelente” estado de conservação da quadra de esportes da escola. As outras duas, ao contrário, deveriam produzir outros dois vídeos apontando o “péssimo” estado de conservação da quadra. A ideia era exercitar o argumento que convencesse aos seus expectadores sobre seu propósito. Produzidos os vídeos, eles foram exibidos nas salas de aula. O debate foi orientado para pensar quais os interesses que estão por trás dos conteúdos midiáticos, voltando sempre à seguinte



afirmação: sempre desconfiar do conteúdo veiculado nas mídias, uma estratégia que foi proposta com vistas à crítica midiática.

Uma outra experiência compôs o plano de intervenções desta pesquisa: situar junto com os estudantes, o “lugar” ou o “não lugar” do celular *smartphone* nas aulas de Educação Física. Para esta abordagem, nos valem de uma proposta gamificada, em que as equipes debateriam a temática entre si. Cada equipe recebeu uma situação problema envolvendo o celular nas aulas de Educação Física, sobre a qual deveriam tecer discussão e fundamentar concordância ou discordância sobre a validade da inserção do dispositivo naquela dada situação. Por sorteio, outra equipe deveria se posicionar concordando ou discordando da base argumentativa da primeira, entretanto, ao concordar, deveria trazer argumentos adicionais para sustentar a concordância. Às duas equipes restantes, coube julgar e definir qual das anteriores teceu melhor discussão.

Para as intervenções com o conteúdo voleibol, além de material didático específico como bolas de voleibol, redes, cones, cordas e arcos, utilizamos como principal instrumento didático para as discussões, produções textuais e publicações, o aparelho celular *smartphone*. Apesar da presença do celular entre adolescentes estudantes ser imperativa, não verificamos maior empenho dos alunos ao utilizar o celular do que quando as tecnologias utilizadas são mais tradicionais, a exemplo do caderno, caneta, cartolina e outras, indicando que a utilização de tecnologias digitais como o celular, não seriam condição suficiente para maior motivação e melhores produções dos alunos no que se refere à proposta em questão.

Considerando uma abordagem mídia-educativa, a perspectiva instrumental foi a mais confortável para os alunos. Ilustrar as aulas com slides, fazer apresentação para a própria turma com suporte midiático é o maior domínio dos estudantes, possivelmente por observarem as contínuas exposições dos professores, além de maiores oportunidades de apresentações de seminários com este suporte. A dimensão produtiva, especificamente relacionada à produção de vídeos, também mostrou

apropriação dos alunos, embora este domínio não tenha se apresentado com os demais produtos (ensaio fotográfico, *e-book* e blogue).

Quanto à dimensão crítica, consoante com uma abordagem mídia-educativa, identificamos que os estudantes conseguem tecer argumentos e visualizar possíveis ideologias embutidas nos discursos midiáticos.

Durante as entrevistas, os alunos foram questionados sobre como o celular poderia ser utilizado na Educação Física, o que foi respondido com amplos olhares.

Em tempo, destacamos que por questões éticas os nomes dos sujeitos são fictícios. O uso das expressões “c/ celular” e “s/ celular” estão empregadas neste estudo para definir os sujeitos que possuíam ou não possuíam celular no momento de realização da pesquisa.

Poderia, se, os alunos, (pensa um pouco) os alunos tivessem com dúvida, poderia perguntar ao professor: “professor, o senhor sabe algum vídeo, algum site, que fale sobre o assunto que está sendo estudado? Pra revisar mais em casa. (Arthur, s/ celular).

Tipo, quando a gente vai jogar... ai a gente pode usar para cronometrar o tempo...para um time não jogar mais que o outro, pra ser injusto, né? E se alguém cair e se machucar bastante, liga pra SAMU e liga pro's pais (Joana, s/ celular)

Questionamos ainda sobre em quais situações deveria ser evitada a presença do celular nas aulas de Educação Física, foi respondido:

Nas aulas teóricas porque, se você ficar focado no celular, não prestar atenção ao professor cê pode ter não bom rendimento. Ele pode ajudar, mas também pode atrapalhar muito nesta questão. (Arthur, s/ celular).

Acho que na hora da aula, né? Porque é meio chato a gente tá, o professor tá ensinando e a gente tá pesquisando na internet, às vezes, é meio chato. (Bianca, s/ celular).



Eu acho que seria em um momento explicativo. O professor tá dando um assunto, e a pessoa fica desapercibida, mexendo no celular, procurando algo que não tem importância. (Matheus, c/ celular).

Uma das últimas questões que abordamos, retrata a compreensão dos estudantes que, apesar dos encantamentos, dos apegos, da contemporaneidade do celular e do quanto eles têm empregado tempo de uso a este aparelho, conseguem conceber a possibilidade de o celular nem sempre ser um aliado na construção do conhecimento.

CONCLUSÃO

Considerando o objetivo traçado para este estudo, que foi analisar as possibilidades de utilização do telefone celular *smartphone* enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem na Educação Física, na Educação Básica, constataram-se diferentes formas de apropriação deste instrumento, além da possibilidade de não uso.

Partimos do olhar de um relativamente novo campo de investigação, o da mídia-educação (FANTIN, RIVOLTELLA, 2012), relacionando a Educação Física escolar com as mídias, abandonando as práticas mais afeitas ao campo das tecnologias educacionais. A diferença esteve em ampliar a ação docente formativa, partindo de uma perspectiva exclusivamente instrumental, que se valia (e se vale) do uso ilustrativo das tecnologias para a elaboração de aulas, para além desta, outras duas: a dimensão produtiva e a crítico-reflexiva. A dimensão produtiva podendo ser compreendida como o fazer com as tecnologias, tendo como uma de suas principais características propiciar a autoria aos estudantes, sendo eles mesmos protagonistas da produção de conhecimento e a dimensão crítico-reflexiva, como aquela que municia estes estudantes com a capacidade de ler as entrelinhas dos conteúdos midiáticos, de questioná-los, de desconfiá-los, descortinando seus propósitos, em regra alinhados com a indústria cultural (ZUIN; PUCCI; LASTÓRIA, 2015).

Por ocasião das intervenções durante as aulas de Educação Física, foi abordado o conteúdo voleibol com suporte midiático do aparelho celular. Apesar da suposta facilidade dos estudantes no trato com o celular e do encantamento próprio das telinhas digitais, a abordagem não alcançou os resultados esperados. Várias equipes de trabalho, formadas durante esta unidade didática, não apresentaram as atividades midiáticas propostas. Além disso, ficou tácita a concepção hegemônica de voleibol midiático dos alunos ao oferecerem resistência ao modelo de voleibol proposto, que flexibilizou regras, espaços e materiais tendo em vista seus objetivos. Parecia ofender aos alunos as alterações das regras do voleibol, permitindo por exemplo, que a bola tocasse o chão ou que fossem dados mais de três toques na bola por uma mesma equipe.

Logo, resta compreender quais são os reais ganhos em adotar as tecnologias digitais em aulas de Educação Física? Uma das possíveis respostas está na dimensão crítico-reflexiva da mídia-educação, formando estes estudantes à leitura crítica dos conteúdos midiáticos. Além disso, as mídias digitais fornecem rica possibilidade para as produções dos alunos, tornando-os protagonistas do processo de produção do conhecimento, expressando por meio delas um novo olhar, uma nova leitura dos conteúdos da Educação Física, problematizando-os frente àqueles veiculados nos diversos canais midiáticos.

Encontramos durante as intervenções deste estudo, resistência dos pais em permitir o uso do celular na escola e até mesmo a presença de alguns deles questionando aprendizagens que estiveram atreladas às redes sociais virtuais, uma vez que a compreensão trazida por eles (pais) a respeito destas redes era de fato contrária à formação que esperavam. Por isso, a implementação de propostas mídia-educativas deve, em nossa compreensão e, com base nos achados deste estudo, ter o entendimento, anuência e participação dos familiares.

Em consideração às três dimensões que configuram uma abordagem mídia-educativa com o uso do celular nas aulas de Educação Física, verificamos que do ponto de vista



técnico-instrumental, os estudantes possuíam domínio da ferramenta utilizada, e os avanços foram perseguidos na tentativa de encontrar solução para as situações-problema que foram postas.

Com relação à dimensão produtiva, também verificamos desenvoltura ao consubstanciar as propostas de ensino-aprendizagem por parte dos estudantes. A produção dos vídeos a partir dos celulares se aproximou muito do que foi proposto durante as aulas, possivelmente pela habitualidade dos estudantes com esta mídia. O mesmo não foi observado com relação aos blogues, *e-book* e ensaio fotográfico, tipos de produções mais distantes das comumente utilizadas pelos alunos, carecendo de novas experiências.

Aqui, cabe questionar: se há nesta mídia, tamanho potencial formativo, por que a proposta educativa esbarrou nas mesmas questões verificadas com as mídias mais tradicionais, as não digitais?

No que se refere à dimensão crítica, uma série de pequenas atividades a partir do uso do celular, foram desenvolvidas no sentido de

“desconfiar sempre do conteúdo midiático”. Estas atividades sustentaram o exercício da desconfiança midiática e através deles, constatamos o quanto rica e formativa pode ser a abordagem mídia-educativa em Educação Física.

Ao final das intervenções, pudemos compreender como viável o trato com o conteúdo voleibol a partir de uma abordagem mídia-educativa a partir do celular *smartphone*. Várias são as estratégias e recursos possíveis com este dispositivo, considerando-se as três dimensões desta abordagem.

Dentre as poucas afirmações que nos atrevemos por ora, está a da viabilidade da abordagem dos conteúdos da cultura corporal, notadamente o voleibol, a partir de uma abordagem mídia-educativa, encontrando no celular um potencial aliado.

Ao utilizarmos o termo “potencial aliado”, queremos também afirmar que compreendemos o quanto poderoso pode ser este instrumento no sentido de progredirmos em rumo à formação e que potencialmente, o mesmo instrumento traz consigo, a antagônica condição de sustentar projetos, conscientes ou não, de semiformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANTIN, Monica. O lugar da experiência, da cultura e da aprendizagem multimídia na formação de professores. **Revista educação**, Santa Maria, v. 37, n. 2, p. 291-306, mai./ ago., 2012.

FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare (Orgs.). **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2012

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MULLER, Juliana Costa. **Crianças e tecnologias digitais: desafios da mediação familiar e escolar**. Tese (Doutorado em Educação). 2019. 318f. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2019.



PIRES, Giovani de Lorenzi. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da educação física/ UEM**, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

_____. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí, RS: Unijuí, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre, RS: Sulina, 2011.

SACRISTÁN, José Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, Angel Ignacio. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

SOUSA, Galdino Rodrigues de; MENDES, Diego de Souza. Mídias na formação em educação física: análise de uma disciplina optativa. **Motrivivência**, v. 26, n. 43, p. 300-315, dez., 2014.

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz Nabuco. **10 Lições sobre Adorno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Dados do autor:

Email: fabioatchanka@hotmail.com

Endereço: Rua Arlindo Alves, 99, Condomínio Ilha de Santorini, casa 27, Bairro Santo Antonio dos Prazeres, Feira de Santana, BA, CEP 44071-870, Brasil.

Recebido em: 11/06/2020

Aprovado em: 27/07/2020

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Fábio Souza de; OLIVEIRA, Cláudio Márcio. O (não) lugar do smartphone na educação física escolar: análise de uma escola em Feira de Santana/ Bahia. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 3, p. 1-11, set./ dez., 2020.